

Sandra Regina de Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*

pragnatha



Sandra Regina de
Alencastro Lima

*Diário
da Tradição
Gaúcha*

São Paulo
Pragmatha
2023

Pragmatha Editora
www.pragmatha.com.br

Edição: Sandra Veroneze
Identidade Visual: Pragmatha
Copyright: Da Autora

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial
sem a expressa autorização.

Dados Internacionais de Catalogação

L732d Lima, Sandra Regina de Alencastro.
Diário da tradição gaúcha / Sandra Regina de Alencastro
Lima. – São Paulo: Pragmatha, 2023.

-- p. : il. color. ; 14 x 21 cm.

ISBN 978-85-8434-134-4

1.Gaúchos – Rio Grande do Sul – Identidade étnica. 2.Rio Grande do Sul – Usos e costumes. 3.Patrimônio cultural – Rio Grande do Sul. 4.Gaúchos – Identidade étnica. I.Título.

CDU 316.347(816.5)

CDD 305.80098165

Catálogo na publicação:

Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252



Sumário

[Sobre a autora / 05](#)

[Introdução / 08](#)

[O diário da identidade gaúcha / 11](#)

[As brincadeiras / 17](#)

[Naqueles tempos, sim, naqueles
tempos / 27](#)

[As funcionalidades da tradição
gaúcha / 37](#)

[Dias de chuva / 42](#)

[Sobre a arte de personalizar jeitos,
histórias e sentidos / 49](#)





Eu sou a Sandra, mulher gaúcha que ama as coisas do seu chão, da sua querência, a tradição gaúcha. Filha da D. Marina, uruguaia de Rivera e do seu Uilber, nascido na localidade chamada Galpões, em Sant'Ana do Livramento.

Na minha família sempre tive muito claras as manifestações tradicionais: costumes ligados às tradições dos homens do campo, da fronteira, de mulheres que se reuniam pro mate doce, que cuidavam da casa, dos filhos e de si nos moldes de sua época...

Sou casada com o Cláudio, mãe da Fernanda e da Luiza, moradora de Cacequi - região central do Rio Grande do Sul.





Na nossa casa temos costumes que misturam minha história com a do Cláudio, que traz a cultura dos imigrantes italianos em muitos gestos e comportamentos. Nossas filhas cresceram em contato com o mundo rural, com as pequenas e as “grandes cidades”, com as tecnologias mais antigas e as mais atuais, com as histórias dos avós, com os pais dançando as danças tradicionais gaúchas, fazendo parte de entidade tradicionalista e do tradicionalismo em si, participando junto conosco. Mas o mais importante da cultura gaúcha elas têm dentro da realidade de nossa casa. Conhecem nesse ambiente o “portunhol” e o “gringuês”; comemos um bom churrasco, um belo carreteiro de charque, um puchero, um arroz com pêssego ou um arroz com leite como sobremesa; um risoto de gringo, uma sopa de agnolini... Dançamos uma vanera, um chamamé e também arriscamos coreografar “La Bela Polenta”. Muito poderia ser citado... Temos valores





fortes de honestidade, lealdade,
amor, respeito... Honramos nossos
ancestrais nas contribuições que nos
deixaram...

Sou apaixonada pelas tradições,
dançarina de danças tradicionais
gaúcha, prenda...

Nesse contexto nasceu uma
escritora, a autora do *Meu Dançar* e
do *Diário da Identidade Gaúcha*.

Meu querido diário que guardará
com carinho registros de uma
identidade que mais do que em
objetos, está em nas nossas ações,
no sentido de cada costume e
principalmente em nossas emoções.

Para o futuro, com carinho

Sandra Regina de Alencastro Lima





Introdução

Este livro virtual interativo tem como objetivo registrar alguns aspectos da cultura gaúcha de forma simples, clara, direta e em um formato que possa trabalhar os sentidos de quem lê, que possa “sentir o que foi escrito”.

É um trabalho que busca informações nas pessoas mais velhas, em suas vivências, e que traz a prática da tradição gaúcha, de pessoas mais novas que a vivenciaram com seus pais e hoje ensinam a seus filhos e de jovens que vivenciam costumes e os cultuam dentro ou fora de entidades tradicionalistas. É uma busca realizada em um tempo mais próximo e mais perceptível para estas gerações.





A geração atual não tem ou tem pouco acesso a registros do que e de como viveram seus ancestrais, bisavós, avós... Não visualizam em sua vida diária os costumes que passaram por gerações e que, talvez modificados pelas mudanças sociais e pela tecnologia, não sejam claros, perceptíveis. Esses costumes estão vivos no cotidiano e, mesmo que modificados, são parte das vivências atuais, porém a essência de cada um deles nem sempre está explícita ou foi ensinada. É apenas um hábito.

A história do nosso povo, com seus erros e acertos, a cultura criada por nossos ancestrais com suas experiências, em sua época, foi balizada por valores muito fortes, pela moral rígida, pelas necessidades e nas possibilidades que tinham no contexto em que viviam, na observação da natureza, nas conversas em família e nos galpões, na observação dos mais velhos que eram o exemplo para a vida.





E assim viviam, tinham seus sonhos, seus objetivos e do seu jeito lutavam por eles. Sonhos e objetivos que hoje nos parecem estranhos, mas que possibilitaram que chegássemos até aqui, dando base ao que somos e temos.

A redescoberta dessa essência é o que busco registrar nesta obra para que tenhamos mais avanços morais e tecnológicos sem perder raízes. A cultura norteia um povo, dá a ele identidade, um “ter para onde ir” quando o mundo parece girar rápido demais e nos desequilibramos nas escolhas. Ter essência, raízes, valores nos dá base para escolher entre o que serve e o que não serve para nossa evolução, em qualquer tempo.

Sandra Regina de Alencastro Lima
Autora





O diário da identidade gaúcha

“Meu querido diário...”

Assim começavam os registros das meninas-moças desta terra em tempos que já foram e que muitos não vivenciaram. Tempos em que a comunicação era diferente, sem a tecnologia que hoje nos parece tão natural, na qual somos inseridos ao nascer.

Naqueles tempos as notícias vinham a cavalo num chasque, pelo rádio, pelas escassas visitas que vinham de longe, “do povo” ou da capital...

Ideias, sonhos, fatos eram registrados em papéis. Documentos eram firmados com fios de bigodes ou assinados com canetas que funcionavam com tinteiros.





As meninas-moças registravam o que lhes acontecia e o que sonhavam em pequenos diários fechados a chave e bem escondidos dos olhos alheios. Havia um código de ética natural que não permitia mexer nele, a não ser se a maldade tomasse conta de algum interesseiro ou se os pais percebessem grandes mudanças comportamentais na menina e o segredo para tal poderia estar registrado nele.

Tantas coisas aconteciam nesse tempo, muita coisa não foi registrada, muitos diários se perderam fechados, muitos chasques não foram passados adiante, muitas notícias permaneceram nas ondas do rádio: não havia como gravá-las. A maioria das coisas da vida desses tempos era passada de “pai pra filho” nas conversas, nas vivências, na observação, pelo exemplo.





Mas a maior parte das coisas desses tempos se modificaram com os avanços tecnológicos e com as mudanças sociais, costumes desses tempos ainda estão nas nossas vidas, mas não mais os reconhecemos pois estão inseridos em novos hábitos e aspectos.

Existem muitas pesquisas sobre a origem e a cultura deste povo, seus costumes, seus polos irradiadores... Cabe agora registrar um passado recente de nossa tradição; se faz necessário para que não percamos nossas raízes, para que não deixemos nossa essência apenas subentendida em novos hábitos sem que possamos ter ela como suporte, como o que sempre norteou homens e mulheres desta terra.

Registremos o que é nosso, para que não nos esqueçamos quem somos!





O exemplo: Parece que ser exemplo é algo tão subjetivo, imperceptível o momento em que isso “acontece”, o momento da aprendizagem. Mas a comunicação não verbal fala alto nesses momentos, na verdade ela grita! Um olhar, aquele olhar, o olhar do aprendiz escancara esse momento único da aprendizagem. No vídeo, o menino Gonçalo Leal Zago, filho de Alexandro Soccac Zago e Leticia de Lima Leal. Clique para assistir:





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 01, acesse o link abaixo e compartilhe suas experiências cotidianas de tradição, aprendidas em casa.





Na noite de 06 de abril foi realizado o lançamento oficial da obra Diário da Tradição Gaúcha no programa Fala Aí Professor. A autora Sandra Regina de Alencastro Lima conversou com o apresentador Toni Pereira. O lançamento contou com as participações especiais dos convidados Cláudio Lima, Fernanda Lima e Luiza Lima (família), Marcileia Capitaneo (secretária da CBTG), Odila Savaris (Diretora social da CBTG), Nivaldo Rosa (escritor), Rodrigo Guterres e Sandra Veroneze (Pragmatha Editora).
Clique na imagem para assistir.





As brincadeiras

Tradição se transmite e se aprende desde pequeno no brincar, com os brinquedos e pelo exemplo. Só aprendemos o que é significativo e por esse motivo a brincadeira, os brinquedos e o exemplo dos mais velhos são fundamentais.

O brincar possibilita o desenvolvimento integral da criança, pois permite que ela se envolva afetivamente, socialmente, e opere mentalmente. Brincar permite a imaginação, constrói normas, cria alternativas, facilita a apreensão da realidade e, entre outras coisas, possibilita a representação/vivência de vários papéis, entre eles os de suas referências familiares e sociais. O brincar e os brinquedos possibilitam a apreensão do mundo, a essência das ações e dos fatos.





Nos tempos de nossos bisavós, avós e pais, a tecnologia da época e a dificuldade de acesso não permitiam variedade de brinquedos e nem brinquedos industrializados. Porém, o brincar e a criatividade eram ricos, espontâneos, permitiam desenvolver várias possibilidades e desafios reais, palpáveis, práticos para as crianças e de sonhos para o seu futuro.

As brincadeiras eram “coisa séria”! Se você fazia parte da brincadeira não podia sair no meio dela, deixar de fazer o seu papel na representação que ela permitia, pois prejudicaria todos que ali estavam vivendo aquele momento. Havia regras, ética, resoluções de problemas, compromisso no brincar.





Se estavam brincando de casinha, cada um tinha que cumprir sua parte na casa, na família. Se aquele que fazia o papel de pai, por exemplo, saísse da brincadeira (e geralmente os meninos cansavam mais rápido e queriam parar, brincar de outra coisa...) prejudicaria o enredo da vida familiar que estava representando. Se você estivesse brincando de lutas e fosse um soldado, sair no meio da guerra seria muito ruim para o pelotão... Nas brincadeiras de roda era preciso prestar atenção aos comandos, no pega-pega (brincar de mancha) era preciso estratégia para não ser pego...

A mãe dedicava tempo para a costura das roupas da boneca e ensinava a confeccioná-las, eram momentos de mãe e filha. O pai se envolvia na confecção da pandorga e ajudava a erguê-la, ensinava a usar o bodoque... Amigos, tios, avós se envolviam na confecção de brinquedos, no empréstimo de panelas, ferramentas, roupas, maquiagens...





Ao amanhecer, o primeiro pensamento era sobre o que brincar, sobre os compromissos feitos no dia anterior com os amigos, sobre hora, local, o que levar... Assim as crianças passavam o dia vivendo a realidade dentro do imaginário, sonhando e representando ser e só voltavam pra casa quando ouviam pela enésima vez o chamado da mãe e às vezes do pai.

Muitas vezes, as crianças que moravam na cidade, após um longo banho e o jantar, aproveitavam o momento dos pais, família e vizinhos sentarem à frente das casas para brincar mais um pouquinho. Sentavam junto com os pais, pediam para conversar com um amigo, aos poucos outros chegavam e de repente a brincadeira recomeçava. E lá se ia o banho demorado que a mãe dava ou supervisionava... Dormir, só depois de muitos pedidos de “só mais um





pouquinho, mãe”, junto com um
chorinho arrastado.

Tantos brinquedos, tantas
brincadeiras:

Jogo do osso

Cavalos de pau

Bonecas feitas de pano, palha de
milho, cordas...

Brincar de casinha com comidas
feitas de folhas, cascas de legumes...

Brincadeiras de roda, pega-pega...

Tantos sonhos, tanta liberdade
brincando de ser. Há tanta vida no
brincar!





Tropa de Osso - Uilber
Rodrigues de Alencastro -
Sant'Ana do Livramento - RS.
Clique sobre a imagem e
assista.





Tropa de plástico - Gonçalo
Leal Zago - Cacequi - RS.
Clique sobre a imagem e
assista.





Fazendinha virtual: Mudou a maneira de brincar com o que pertence ao meio rural. A tecnologia permite que se tenha ideia do que é o mundo rural, mas fica o questionamento se com esse tipo de brinquedo/brincadeira temos condições de sentir o que eles representavam para nossos bisavós, avós, pais... É um brinquedo colorido, com movimento, muitas imagens (nem sempre fiéis à realidade), com a possibilidade de criar histórias. Mas, a essência delas, qual é? Clique sobre a imagem para assistir:





“Tropa de osso”, de Eco &
Bonitinho. Clique na imagem
para assistir.





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 02, acesse o link abaixo e compartilhe suas experiências cotidianas de tradição, no tocante às brincadeiras aprendidas em casa e que você ainda cultiva.





Naqueles tempos, sim, naqueles tempos

Clique na imagem para assistir ao vídeo:



*Herança- Aparício Silva Rillo
Declamação de Mariloy Terezinha Vieira Petry
Montenegro - RS*

Naqueles tempos... Tempos que a maioria de nós não viveu, não conheceu, mas tem dentro de si. Sente seus cheiros, imagina suas formas, se emociona com suas histórias, vivencia mesmo que sem perceber seus hábitos mesmo que transformados pela evolução.





A tradição é isso, a herança do que nos precedeu, é viver o que não viveu porque faz parte da construção de cada um, de cada família, da sociedade. Está entranhada em cada vivência, nos sotaques, nos hábitos, nas falas, nos gestos, na maneira de ser, na essência de nossa gente, de cada um de nós. Talvez mais que uma herança: um legado.

O que vemos, lemos e escutamos talvez seja estranho pois não nos parece comum, não faz parte do cenário urbano que vemos hoje e nem de todas as vivências e paisagens do meio rural atual. Nos parece estranho o funcionamento daquela sociedade, alguns dirão que é ultrapassada... Eu digo que cumpriu seu papel naqueles tempos.





Hoje tudo é diferente. Que bom!
É sinal que aquela organização social
deu certo e impulsionou o progresso,
que aquelas ideias se desenvolveram,
que os costumes se atualizaram
com as novas tecnologias e que se
modificaram os tempos...

Nestes tempos ainda ouvimos
o resposno, o murmúrio daqueles
tempos na essência de cada hábito
tradicional que repetimos mesmo
com roupaagem nova, mesmo com
uma nova tecnologia, uma nova
estética.

Nestes tempos temos a essência
daqueles. E busquemos a resposta
para cada hábito repetindo: naqueles
tempos, sim.

*Amanda da Rosa Rosado
Cacequi - RS*





O tempo passa e as casas de que fala a poesia Herança permanecem no cenário das nossas cidades. Umas em sua estrutura e visual inicial, inseridas no meio de arquiteturas mais modernas, comércios, avenidas asfaltadas, semáforos, imperceptíveis no contexto apressado das cidades atuais.





Outras apenas a estrutura das fachadas foram preservadas e se destacam pela arte contemporânea que ostentam. Perceptíveis aos nossos olhos por suas cores e formas desenhadas.





Muitas vezes as pessoas entram e saem dessas casas pelo objetivo que elas têm hoje, que não é o acolhimento de famílias, mas comércio, serviços públicos. Percebem que são construções “velhas”, mas raramente percebem sua história e importância na construção dessas cidades e de sua sociedade. O mesmo acontece com os “retratos nas paredes” das nossas casas ou de nossos parentes. Nem sempre sabemos quem são aquelas pessoas e mesmo que saibamos, são apenas retratos antigos. Suas histórias, suas contribuições para o que somos, o que queremos ou o que não queremos ser não são conhecidas.

*Maria Luiza da Silva de
Zana e Homar Zana
Montaño – Rivera - UY*





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo 03, acesse o link abaixo e compartilhe suas lembranças sobre os velhos tempos. Acesse pelo QRCode abaixo ou pelo link <https://pragmatha.com.br/diario-da-tradicao-gaucha-naqueles-tempos/>





Querido diário!

Estava lendo novamente o texto que escrevi anteriormente e comecei a pensar nas casas de que a poesia fala e pensar nelas além de sua arquitetura, mas nas famílias que lá se formavam e viviam suas vidas, seus sonhos. Nas gerações que elas abrigaram e nos dias que ela abrigava, cheios de sensações, sons, movimentos, cheiros, texturas...

Lembrei do dia em que minha filha mais velha, morando longe de nós, ligou no domingo dizendo que estava com saudade e que conseguia sentir o cheiro do chimarrão que bebemos todos os domingos na sala. Tal era sua saudade que sua memória lhe trazia “o cheiro dos domingos de manhã” em casa.





Nos dias que correm soltos, quando nem percebemos seus detalhes, existem muitas ações, muitas palavras e sensações que só nos damos conta quando não as temos mais no dia a dia.

As construções que chamamos de casa abrigam lares, famílias e, desde sempre, as famílias em suas mais diversas formas são a base de nossas vidas. Por isso guardamos em nós a rotina com suas cores, cheiros, texturas, gostos tradicionais, que se repetem de geração em geração e dão forma à tradição de um povo.

Querido diário, como eu gostaria que tu sentisses os sons, os gostos, a temperatura e percebesse as cores e formas da nossa casa para entender quem e como somos.

Quais serão as sensações dos lares de quem ler este texto?





A “fumacinha” que sai do
chimarrão e das comidas, que
cheirinho terão?

Que cores iluminam os cômodos e
os móveis?

Que textura terão as cobertas no
inverno?

Como são os gostos das comidas
das avós?

E o som das vozes e risadas nas
casas, como ecoam em cada um?

E o cheiro da mãe, do pai e de cada
filho?

A hora de dormir, a hora de
comer, os dias de comer alguma
receita especial, a roupa que vestir
em alguma ocasião específica, a
música dos domingos de manhã com
a família reunida, as frases repetidas
pela mãe, os sons emitidos para se
comunicar com os animais no campo,
o cheiro da chuva molhando a terra...

Querido diário! A tradição das
casas com suas famílias moldam o
jeito de ser de um povo!





As funcionalidades da tradição gaúcha

As tradições, os costumes, trazem em si uma essência, um porquê ser do modo como são. Nasceram das necessidades das pessoas, se tornam as soluções para aquele tempo e passam de geração em geração por serem importantes e se tornarem habituais.

Alguns costumes permanecem como começaram, outros são modificados pelas novas tecnologias, mas continuam tendo um porquê existir e persistir:

- Os bailes que serviam para festejar eventos específicos como casamentos, batizados, colheitas... As distâncias entre as famílias e vizinhos eram grandes, momentos como esses eram raros e importantes.





- As danças que vemos em concursos têm histórias para representar, movimentos com intencionalidades em épocas em que o diálogo entre homens e mulheres era restrito.

- Parar rodeio tinha objetivos como separar rezes do restante do gado, curar feridas, dar remédios. Era a “lida”, era o momento de organizar e facilitar o trabalho.

- Chás eram usados em lugares onde o atendimento médico era difícil pela distância e pelos meios existentes para chegar rápido a lugares de difícil acesso.

Gestos demonstravam intenções:

- Os cumprimentos dos gaúchos, por exemplo, tocando primeiro no ombro, depois no antebraço e somente depois darem-se as mãos, tinha a função de verificar se o outro teria um punhal ou outro objeto escondido na manga da camisa ou no peito. Isso remete à história de guerras e a defesa dos que guerreavam.





Assim também, quando estavam a cavalo e para cumprimentarem-se, somente tocavam os antebraços em forma de cruz. Se o outro não fosse “amigo”, ao apertar a mão poderia puxá-lo do cavalo.

- As pilchas tinham também porquês para serem como as usamos. Algumas já se adaptaram ao novo tempo, pois existem novas tecnologias que produzem novos tecidos, novas formas de feitiço. Porém, a funcionalidade de cada peça precisa ser conhecida e mantida para que não percamos a essência do que cultuamos como tradição.

Veja, por exemplo, o lenço que o gaúcho usa. Não é simplesmente um pedaço de tecido amarrado ao pescoço como enfeite. Ele tem um porquê, uma história.



Luigi Sodré Dal’Forno - Santa Maria / RS





Por todos os motivos apresentados, há a necessidade de, mesmo com tecidos diferentes, cores diferentes, ele permaneça com a sua estrutura, para jamais esquecermos o seu sentido.

O progresso acontece quando criamos a partir de nossas necessidades e precisamos entender que não remetem apenas a coisas ruins acontecendo, mas também à vontade de querer mais, de progredir, de pertencer, de crescer como comunidade. Precisamos compreender que tecnologias não são apenas os smartphones que usamos, jogos virtuais, utensílios domésticos acessados remotamente, internet... Tecnologia é tudo que é criado para a evolução de uma determinada situação, do mais simples ao mais complexo.

Preservar a essência das criações permite que as próprias ideias evoluam!



Existe uma expressão engraçada que demonstra bem o quanto é importante evoluir a partir das necessidades e do que vai sendo criado para melhorar a vida das pessoas, dando-lhes mais tempo para o convívio social e deixarem para as invenções o que o corpo precisaria fazer. Isto acontece para que possamos evoluir mentalmente através do estudo, moralmente através da ética no uso dessas tecnologias na sociedade, socialmente através do tempo dedicado às pessoas e às ideias e emocionalmente com o autocuidado: novamente, cuidar da essência!

“Depois que inventaram a máquina de debulhar milho, não duvido de mais nada” (Autor desconhecido).

Máquina de
debulhar milho
(imagem cedida por
Franco Pereira, de
Cacequi / RS





Dias de chuva

Som de pingos batendo no telhado e na terra, cheirinho de terra molhada... Amanheceu chovendo e a vontade é virar pro lado, puxar bem as cobertas e dormir mais um pouquinho. O gaúcho até fica mais uns cinco minutos que lhe parecem muito mais naquele torpor do sono que luta em se sobrepor à claridade que teima em fazer os olhos e a consciência se abrirem para o novo dia.

Dia de chuva na campanha. Dia em que as rotinas da casa e da lida se modificam. Mesmo com chuva, cedo é preciso cuidar dos animais, tirar o leite das vacas, cuidar dos guaxos... O trabalho no campo, na lavoura, na horta, nesses dias é preciso deixar, esperar. Só quando a chuva der uma estiada ou parar de vez para voltar ao serviço e ainda aproveitar que a terra está molhada para carpir as ervas-





daninhas, afofar a terra, organizar canteiros. Também é dia de juntar água da chuva em grandes tonéis para depois ocupar regando plantas, limpando utensílios, economizando a água da cacimba.

Na casa é dia da gurizada e da mãe dormirem “um poquito más”. Mas também é dia da mãe costurar roupas novas, fazer remendos, abrir e cardar a lã para os acolchoados. De tarde a “séstia” é mais longa. Dia de comer coisas diferentes: a mãe aparece com prato de bolo frito e um café preto, às vezes engrossado com farinha de mandioca pra dar uma sustentada na fome da gurizada.

Mas, também, é dia de movimento no galpão. A peonada, a gurizada e os patrões por vezes também se juntavam para debulhar milho com as mãos, por exemplo. E nesse debulhar de espigas debulhavam também assuntos variados, desde sobre o trabalho até as novidades “do povo”. Contavam histórias, sempre havia algum cantor, ensinamentos eram transmitidos.





Especialmente nesses dias se mexe com as cordas feitas de tentos de couro. O tempo úmido deixa o couro macio e o guasqueiro pode criar material de trabalho e arte. A arte de trabalhar o couro e transformá-lo em tecnologia para o trabalho, em produzir o artesanato detalhado, caprichado, minucioso, a arte de pensar lonjuras, de imaginar a vida e sentir esperanças enquanto cria.

Dia de chuva é dia diferente, é dia de criança brincando na terra molhada, dia de sabores especiais, de cheiro de terra molhada, de sorver o mate mais devagar e sentir melhor seu gosto, de perceber o vapor que sai do mate se misturando à paisagem...

Dia de uma rotina diferente, dia de mesmo em movimento pausar a vida e repensar sua trajetória.





O guasqueiro, aquele que lonqueia o couro, estaqueia, sova, tira a guasca (pedaço de couro) e dela tira os tentos para transformar em objetos artesanais:



Alexandre Pereira da Rosa



Jairo Lambari Fernandes – cantor e guasqueiro





Porta-cuia feito de casco e tentos pertencente a Uilber Rodrigues de Alencastro, feito por Jairo Lambari Fernandes.



Música “Milonga de fazer cordas”,
de Luis Felipe Cornel





Hugo Severo Torres - pecuarista e guasqueiro –
Sant'Ana do Livramento / RS



Laço fino antigo feito por guasqueiro (foto cedida
por Franco Pereira - Cacequi / RS)





Com o passar do tempo, as novas tecnologias foram facilitando o trabalho no campo. Hoje os laços de campo são mais raros, pois os guasqueiros são raros. E também porque novos materiais foram inventados, mais duradouros, fortes e de menor valor para compra. Os laços, na sua maioria, são fabricados em indústrias de laços e usados em rodeios nos CTGs. São fabricados laços de couro e sintéticos. No vídeo você vai ver as etapas básicas da fabricação dos laços, hoje, nas fábricas:



Luis Henrique Marin Cunha
Fábrica de laços Marin Cunha - Cacequi / RS





Sobre a arte de personalizar jeitos, histórias e sentidos

Olho para meu lar e vejo tantos objetos que o deixam mais bonito, aconchegante e personalizado com nosso jeito de ser. Penso de onde vem cada um deles, como foram feitos, pra que servem e encontro tanto de nossa gente, nossa história, trabalho, momentos de convivência e de reflexões também.

Os objetos artesanais fazem parte do nosso cotidiano, de nossa rotina, de nosso modo de viver. Estão no chimarrão que bebemos, nas roupas que usamos, nos acessórios, objetos pra lida de campo, peças de decoração...

Imaginamos que sejam apenas peças para “enfeitar”, mas na verdade muitas delas foram utilizadas como tecnologia para o trabalho ou seu





feitio como um motivo para libertar seus anseios e sonhos no pensamento que se expande ao trabalhar com a arte. Hoje alguns processos de produção das peças artesanais foram modificados, mas as funcionalidades deles continuam as mesmas: decorar, vestir, facilitar o trabalho, terapia...



Cuia antiga

O artesanato doméstico fez parte também dos sonhos e necessidades das mulheres. Eram parte da “preparação dos destinos” dessas mulheres, enfeitavam suas casas, aqueciam sua família, ornavam suas roupas...





Os brinquedos das crianças eram feitos artesanalmente: bonecas de pano, de palha de milho e de corda, roupinhas de retalhos, restos de lã para os cabelos... Os carrinhos eram feitos de madeira, latas... Cavalinhos de pau...



Bonecas de pano





Vários materiais eram usados como matéria-prima: couro para tapetes, laços, cordas, tirador...

Lã de ovelhas para casacos, ponchos, cobertores, xergões, pelegos, blusões de tricô.

Porongos para cuias, casas para passarinhos, enfeites, instrumentos musicais...



Bolsas de crochê e de algodão bordado



Painel de parede bordado





Passa o tempo, mas o artesanato continua em nossas vivências, dá forma às culturas, perpetua momentos... Quem nunca trouxe de algum lugar “uma lembrancinha” para não esquecer ou para poder “mostrar”, relembrar momentos, vivências, sensações?! Apesar de fotos e vídeos desses momentos, o artesanato dá forma e possibilita o toque, concretiza para os sentidos o que foi vivido.



Xalé de crochê





Fichu de crochê



Ocarina



Toalha bordada



Cachepô de crochê





E os bordados estavam em muitos outros momentos de nossa história, até mesmo nas guaiacas dos homens:



Guaiaca masculina

Papo de meninas sobre bordados com Laura Muller:



Confira material complementar sobre bordados: <https://www.canva.com/design/DAFJfinycsM/ofMx2ber6ZWj7anOQWpWSA/view>





Participe do nosso fórum de discussão para construirmos juntos esse trabalho. Sobre o capítulo, acesse o link abaixo e responda:

Você tem em sua casa alguma peça artesanal? Sabe a história dela? Ou o que ela representa para sua família?



Ou, se preferir, clique aqui:

<https://pragmatha.com.br/diario-da-tradicao-gaucha-artesanato/>

